

Título	Algo se passa através	Autor	Marisa Flório Cesar
Data	2009	Artista	Lucia Laguna
Publicação	CESAR, Marisa Flório. <i>Janela</i> . São Paulo: Galeria Virgílio, 2009. (texto de exposição)		

Algo se passa através

“O pintor pinta o que vê”, dizia Alberti. Mas na película transparente que tanto separa quanto transborda exterior e interior — a vista da cidade com seus fragmentos, camadas, fluxos; o olhar sobre a estranha familiaridade do ateliê e a melancolia das horas rotineiras — algo se passa. Algo se passa através.

“Janela” intitula a exposição de Lúcia Laguna. Metáfora pictórica cara a Alberti, a janela era abertura e transcendência na concretude cega das coisas e dos dias: —Onde devo pintar, traço um quadrângulo de ângulos retos (...) como uma janela aberta por onde possa eu mirar o que aí será pintado. (*Da pintura*, Livro II, §19). Em sua dupla dimensão — transitiva e reflexiva — a janela implicava um apagamento de si para dar existência a outro, transitar o que estaria além: algo ausente se apresenta através.

É a potência desse “através”, em que transpassam e se tensionam os fluxos do visível, que Lúcia Laguna instaura sua pintura. Não como transparência, mas como passagem, como dúbio processo em que o mesmo gesto que se apropria, devolve; que oculta, desvela; que recorda, esquece. Um gesto que hesita entre o limiar da obra e seu apagamento. Toda imagem é imagem de uma alteridade e resta ao artista permitir o atravessamento desses outros e endereçar a um terceiro o que sobreveio desse movimento. Resta resgatar a potência do olhar — e da própria pintura — como explorar as estratégias do véu, os recobrimentos que resguardam invisibilidades e a liberdade de sentidos jamais fixos.

“Lucia Laguna é uma das grandes revelações da pintura do Brasil neste início de século”, como atestam várias vozes, entre as quais Paulo Herkenhoff. E basta um primeiro contato para pressentirmos que estamos diante de uma pintura que se renova e enfrenta tanto a visualidade de sua época como a força e o peso de uma tradição histórica. Ali somos capazes de ver (no sentido mais denso e menos espetacular que o verbo ainda é capaz de significar) a complexidade convulsa e estilhaçada da metrópole como *El descendimiento de la cruz* de Rogier Van der Weyden, as linhas vermelhas e amarelas das autovias cariocas como as linhas de força que estruturam um quadro de Paolo Ucello.

A artista construiu uma espécie de sistema, uma economia dos meios pictóricos nestes poucos anos em que iniciou seu percurso artístico: apropria-se de uma imagem que desfila cotidianamente frente a nossos olhos — a vista da janela para a cidade ou para o estúdio, o anúncio de um jornal, ou uma fotografia qualquer —, cobre áreas com camadas de cor e fitas crepe, retira-as e recobre-as com outras camadas, esquece-as por um tempo, retorna, em um processo contínuo de velamentos e redescobertas, de fagocitose e reinvenções. Nos últimos anos, sequer é a artista que pinta a base sobre a qual iniciará sua experiência, ela entrega a seu assistente a tarefa de reproduzir pictoricamente a imagem sobre a qual trabalhará. A esse processo de devorar imagens, Paulo Herkenhoff intitulou muito lucidamente de “iconofagia”: Lucia Laguna não devolve a pintura a seu “grau zero” — ao deserto de si mesma com pretendeu Malevich — “o quadro recebido é, ele próprio, o grau zero da pintura” (*Prêmio Marcantonio Vilaça* 1006/2008). As imagens que afloram, completariam, não constituem uma semelhança especular ou pretendem um fundamento originário, são, como disse Aby Warburg sobre a consistência das imagens, um retornar que é sempre um se tornar, um devir, um aparecer.

Nesse entrecruzamento de acasos e ascendências, de assimilações e obliterações, o esquecimento em Lucia Laguna passa a ter uma atuação chave em seu trabalho — como se não fosse possível a atualização de si, da pintura, da arte, sem um contra-tempo, sem uma “inaturalidade”, sem aquilo que Nietzsche definiria como um “esquecimento ativo” (*Genealogia da moral*). De fato, o esquecimento, presente em algumas filosofias modernas, abriria um abismo e um caminho no interior do conceito comum de memória. Se Proust, empreende uma “busca do tempo perdido”, o faz através de um processo sistemático de esquecimento do que ocorreu; Nietzsche, o poeta-filósofo trágico da dissolução do eu, celebra o esquecimento como atributo indispensável da ação; Sartre parte do esquecimento radical, do Nada para uma aproximação existencial do eu e do mundo. Nas pinturas de Lucia Laguna, os traços do apagamento formam uma espécie de rota negativa que delinea suas janelas: o apagamento de si para dar existência a outro, transitar o que estaria além. O outro da história da arte, do artista assistente com quem partilha seus dias, das

Título	Algo se passa através	Autor	Marisa Flório Cesar
Data	2009	Artista	Lucia Laguna
Publicação	CESAR, Marisa Flório. <i>Janela</i> . São Paulo: Galeria Virgílio, 2009. (texto de exposição)		

imagens apropriadas aqui e ali, do espectador a quem se endereça, o outro de si, o outro da pintura e da arte. Essas são suas genealogias, suas sombras, seus espectros. A nós, cabe continuar os desvelamentos.